A DINÂMICA SETORIAL E SUA DESACELERAÇÃO

Pesquisa do IBGE indica a inflexão do crescimento e da produtividade das empresas em 2013

Ana Maria Castelo e Robson Gonçalves

A Pesquisa Anual da Indústria da Construção (Paic) apontou que, em 2013, o valor das incorporações, obras ou serviços da construção das empresas no Brasil somou R$ 357,7 bilhões, resultando em um valor adicionado (VA) ou PIB de R$ 170,1 bilhões. A Paic indicou também a existência de 111,9 mil empresas ativas em todo país, que foram responsáveis pela ocupação de 2,961 milhões de pessoas.

Considerando a estimativa mais recente do IBGE para o PIB setorial, as empresas passaram a representar 58% do PIB da construção, que inclui também as obras realizadas por pequenos empreiteiros e pelas próprias famílias. Isso significa que o segmento formal da construção contribuiu com 3,2% do PIB brasileiro de 2013.

A maior parte das empresas (47%) tem pequeno porte – até 4 pessoas, enquanto as empresas com 30 ou mais representam cerca de 11% do total. No entanto, o quadro se inverte quando se considera a contribuição para a geração de renda: as empresas com 30 ou mais pessoas responderam por 78% do VA da parcela formal da construção.

O segmento de edificações representou a maior parte do PIB (40,1%), seguido pela infraestrutura (38,6%) e por último pelo segmento de serviços especializados (21,3%).

Do total das obras ou serviços produzidos no ano, 34% tiveram como contratantes o setor público. No segmento de obras de infraestrutura, essa participação alcançou 53%.

Pela ótica regional, a região Sudeste respondeu por 59% do valor adicionado pelas empresas; a região Nordeste, por 16%. Considerando as empresas com 5 ou mais pessoas ocupadas, ou seja, 94% do PIB formal, o Estado de São Paulo contribuiu com 35% do valor adicionado.

Produtividade

O perfil setorial – predominância de pequenas empresas e dos segmentos de edificações e serviços sobre a infraestrutura – determina em grande parte a produtividade mais baixa da construção. Em 2013, a produtividade das empresas foi de R$ 57.444, ou seja, esse foi o montante que cada pessoa ocupada nas empresas agregou em média ao setor. No mesmo ano, a produtividade média na indústria de transformação foi quase 40% maior (R$ 80.228).

O segmento de infraestrutura, mais intensivo em capital, alcançou uma produtividade de R$ 69.449, ou seja, 21% acima da produtividade média das empresas da construção.

O segmento de edificações, com produtividade de R$ 55.976, registrou produtividade próxima à média: apenas 3% menor. Por último, com uma produtividade 21% inferior à média (R$ 45.442), estão as empresas de serviços especializados. Vale notar que parte importante das atividades classificadas nesta CNAE (43) está relacionada ao segmento de edificações – são as obras de acabamento e instalações. Isso significa que a baixa produtividade dessas empresas afeta diretamente o segmento que responde pela maior parcela do VA setorial.

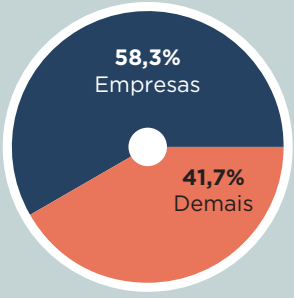
Considerando a abertura por porte, enquanto as empresas com mais de 30 pessoas têm produtividade 8% superior à média, as que possuem entre 5 a 29 pessoas têm produtividade 27% menor. Vale notar que as empresas com menos de 5 pessoas têm produtividade equivalente à média do setor.

As empresas da região Sudeste e da Centro-Oeste possuem produtividade superior à média do país, 8% e 1%, respectivamente. Por sua vez, a produtividade das empresas da região Nordeste é 20% inferior à média do país.

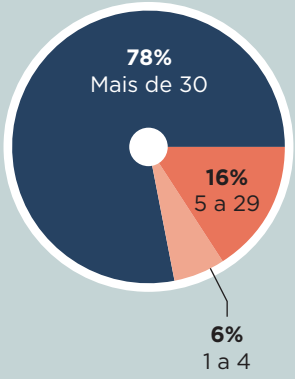
No que diz respeito à remuneração, o segmento de infraestrutura é também o que registra maior salário médio (salários e outras remunerações por pessoa ocupada), de R$ 30.697, ou 35% superior à media

PERFIL SETORIAL EM 2013 - EMPRESAS

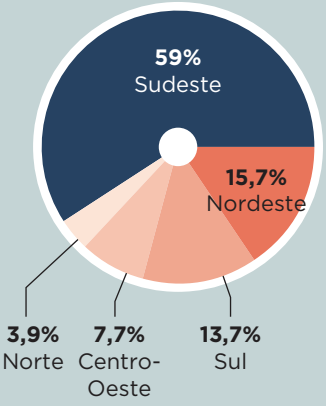
Participação das empresas no valor adicionado do setor



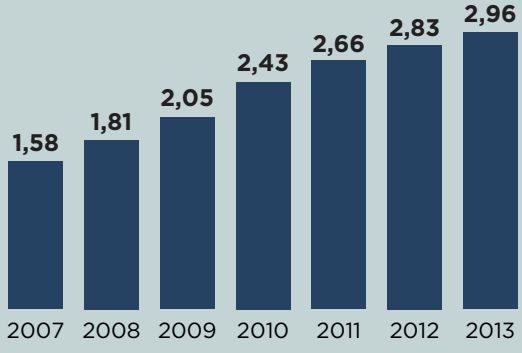
Distribuição do valor adicionado por porte (empregados)



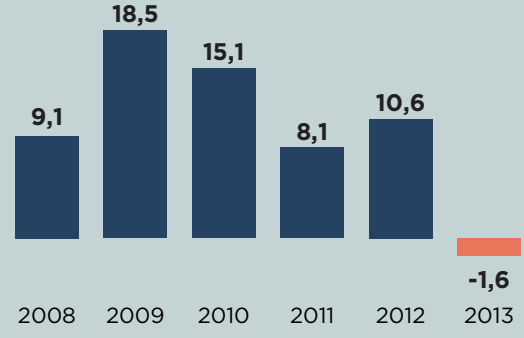
Valor adicionado das empresas por região



Pessoal ocupado nas empresas de construção (milhões)



Taxa de crescimento do valor adicionado das empresas da construção* (%)



*Taxas corrigidas Fonte: FGV/IBRE

do setor. Nos segmentos de edificações e de serviços especializados, a média salarial é 16% e 17%, respectivamente, inferiores à média de todas as empresas da construção.

Evolução 2007-2013

No período entre 2007 e 2013, o valor adicionado pelas empresas cresceu 75%, resultado corrigido pela inflação setorial (INCC-DI). O crescimento foi comandado pelos segmentos imobiliário e de serviços, que cresceram 79% e 94%, respectivamente. A importância crescente dos serviços especializados, relevante para as empresas do setor, foi confirmada pelos resultados da última edição da pesquisa.

Mas os números da PAIC mostram que houve uma inflexão em 2013, ou seja, os anos de crescimento expressivo da construção não apenas ficaram para trás, mas o setor se deparou com a primeira retração desde 2008. Em 2013, o valor adicionado pelas empresas registrou crescimento nominal de 5,99%, o que, descontada a elevação setorial medida pelo INCC-DI, representou uma queda real de 1,6%.

A retração do PIB das empresas marcou o encerramento do ciclo de obras do mercado imobiliário que teve seu pico entre 2010 e 2011. Os investimentos em infraestrutura, embora tenham crescido ao longo do período, sofreram em 2013 em decorrência da grande dependência de recursos públicos e cortes orçamentários. O valor adicionado nos segmentos de edificações e de infraestrutura registraram retrações de 3,47% e 2,82%, respectivamente, na comparação com 2012. Por sua vez, os serviços especializados ainda tiveram crescimento de 4,73%, contribuindo para atenuar a retra-

ção sofrida pelos maiores segmentos do setor. No entanto, isso se deve em boa medida ao fato de que esses serviços respondem com atraso à desaceleração do setor por serem intensivos nas fases finais das obras.

Um aspecto negativo dos números setoriais revelado pela PAIC diz respeito à evolução da produtividade. A pesquisa indicou que mesmo nos anos de grande crescimento não houve melhora na geração de valor por pessoa ocupada nas empresas. Pelo contrário, a produtividade média caiu 6,73% no período, refletindo um resultado bastante desigual entre os segmentos de atividade. No segmento de edificações, a produtividade do trabalho teve variação de -3,23%; nos serviços especializados, a queda foi mais intensa, de - 20,14%. Apenas em infraestrutura houve pequena melhora, de 1,59%.

A análise por porte revela que apenas as empresas com 30 ou mais pessoas ocupadas registraram ligeira melhora na produtividade (0,17%), enquanto nas empresas com menos de 5 pessoas, houve redução de 14% e nas empresas entre 5 a 29 pessoas, a diminuição foi de 29%.

O descompasso entre a produtividade e o crescimento das empresas tem muitas causas. O perfil do desempenho setorial, como relatado acima, dá algumas pistas. No entanto, a queda muito forte da produtividade também pode estar relacionada ao movimento de formalização da mão de obra que ocorreu no período. Entre 2007 e 2013, de acordo com a Rais, o número de trabalhadores com carteira na construção aumentou 84%. Assim, empregados que já trabalhavam nas empresas foram formalizados, sem que houvesse assim um aumento correspondente do PIB a despeito do aumento do pessoal ocupado formal.

Vale notar que, em 2013, o desempenho das empresas teve o pior resultado do período: a produtividade média caiu 6%. Em 2012, as empresas haviam conseguido elevar a produtividade em 4%. Ou seja, as empresas não conseguiram sustentar o crescimento anterior.

Outro ponto importante relacionado à queda de produtividade é a qualificação dos gestores. Em todo o mundo, o aumento das atividades terceirizadas, tipicamente os serviços especializados, torna a atividade de cada empresa mais complexa e multifacetada. O desafio é administrar teias em não cadeias de fornecedores. Isso exige padrões de gestão em sintonia com o uso de técnicas e métodos construtivos mais eficientes. A produtividade decorre, assim, da melhoria conjunta da tecnologia e da qualificação da mão de obra no chão da obra e na gestão das empresas. A adoção de métodos e processos mais eficientes resultando em aumento de produtividade só é possível com a melhora do capital humano em todas as suas dimensões.

Enfim, vê-se que o crescimento e a formalização não foram determinantes para a melhora da produtividade das empresas. A melhoria da qualidade das relações de trabalho não foi acompanhada pela melhoria das relações produtivas. Apesar disso, os salários tiveram significativos aumentos reais, uma combinação que levou à perda de rentabilidade e eficiência das empresas. Contraditoriamente, a experiência internacional também aponta a elevação dos salários como um estímulo à busca de mais produtividade, o que não se viu no Brasil entre 2007 e 2013 segundo a Paic.

Com o esgotamento do período de bônus demográfico do país, não será mais possível sustentar o crescimento com base na incorporação da força de trabalho. No entanto, o ingresso em um período de grande queda na atividade define o grande desafio dos próximos anos: o esforço para o aumento da produtividade, que tem que envolver não apenas as empresas maiores, mas também suas subcontratadas.

